

## TEATRO

# Esperanças passadas a limpo



Miguel Falabella estréia hoje 'No coração do Brasil', espetáculo autobiográfico

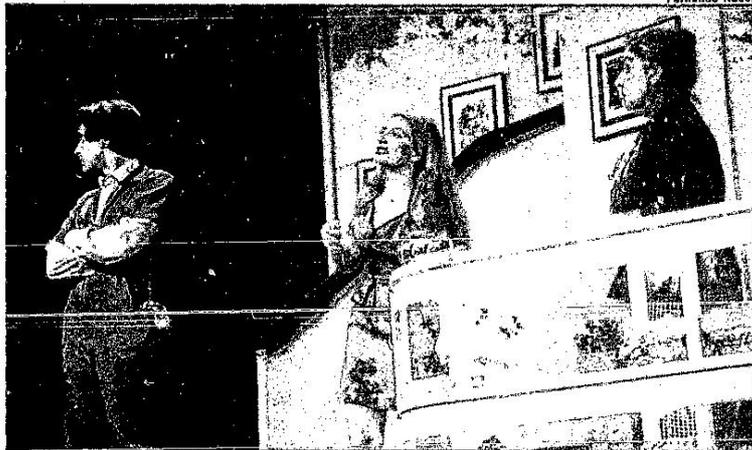
Véspera de estréia é sempre um tormento para Miguel Falabella. Perfeccionista, ele confessa que não consegue ficar calmo nos dias que antecedem um novo espetáculo, seja como ator, diretor ou autor teatral. Dessa vez, com "No coração do Brasil", que inicia temporada hoje à noite no Teatro Vannucci, não está sendo diferente. Escrito e dirigido por Miguel, o espetáculo é nitidamente autobiográfico, embora as reminiscências do autor estejam misturadas à ficção, como ele próprio salienta:

— Todo passado é ficcional. Aliás, digo isso na peça. A partir do momento em que alguma coisa passa, a gente pode narrá-la da maneira que quiser — acredita.

As voltas com os últimos detalhes da estréia, Falabella justifica o nervosismo:

— A gente percebe mil coisas que podem ficar melhor, mas não há tempo nem dinheiro para mudar. O jeito é tocar o barco — comenta, feliz com a receptividade do público nos ensaios abertos.

A peça é uma comédia dramática que acompanha a trajetória de pessoas que buscam uma saída para um cotidiano massacrante. O ponto de partida é um cinema-poema na



Thales Pan Chacon, Maria Padilha (ao centro) e Jacqueline Lawrence: agarrados à fantasia

Ilha do Governador, inspirado no Cine Itamar, onde Miguel ia durante a adolescência. No palco, de 1966 a 1972, passavam funcionários e vizinhos do cinema, vividos por Maria Padilha, Thales Pan Chacon, Jacqueline Lawrence, Anali Prestes, Stela Freitas, Renato Reston e Camille.

Falabella não gosta de falar sobre a peça antes da estréia, mas adianta que, embora a te-

mática seja diferente, o texto segue a linha de "A partilha", que lhe rendeu o prêmio Molière de melhor autor.

— É uma peça para rir e se emocionar, como "A partilha". Na verdade, é muito difícil contar a história de "No coração do Brasil". São os sonhos, esperanças e alegrias de personagens que vivem em torno de um cinema. Derramo um olhar cruel, mas amoroso

sobre cada um deles.

Para Miguel, o grande mérito da peça é fazer uma homenagem à ficção e à capacidade de sonhar.

— São todos uns ferrados na vida, mas não deixam de sonhar. Isso é um poder mágico do ser humano. Podem nos tirar tudo, menos a fantasia. É uma coisa de brasileiro mesmo, que se mantém otimista apesar de tudo — resume.

## Sátira ao direito no palco do Tablado

Bernardo Jablonski sempre gostou dos Irmãos Marx, de quem devorou filmes e livros. Tanto que resolveu encenar "Advocacia seguindo os Irmãos Marx", que estréia hoje à noite no Tablado. Na definição do diretor, que assina pela primeira vez um texto teatral, trata-se de uma "comédia absurda e alucinada".

Ao todo, são sete esquetes, em uma hora e meia. O fio condutor, como o título denuncia, são questões ligadas a advogados. Por causa disso, estudantes de direito têm desconto de Cr\$ 2 mil.

— Sempre achei que faltava ao besteirol um fio condutor. Os esquetes ficavam muito soltos. Por acaso, o Groucho Marx tinha duas situações cômicas ligadas a um tribunal. Mas, se os textos fossem sobre um necrotério, faria o espetáculo do mesmo jeito — brinca.

A frente do elenco, que reúne 17 atores, Heloísa Perissé encarna uma espécie de "versão feminina psicografada de Groucho Marx", segundo o próprio Jablonski:

— Como advogada, ela engana todo mundo. Mas os clientes são tão estúpidos que o público acaba torcendo por ela — diverte-se o diretor.

## Emoções saltam do papel



Emmanuel: poesia no teatro

Emmanuel Marinho é um poeta que não se limita a escrever numa folha de papel. Sua poesia pode adquirir outras formas. Como o teatro. Mas ele transforma poesia em teatro e a interpreta sem dizer, às vezes, uma só palavra. Para compreender e sentir o que ele não verbaliza, só mesmo assistindo ao espetáculo "Margem de papel", que estréia hoje, às 21h, na Sala Montelero Lobato do Teatro Villa-Lobos.

— Faço teatro e poesia há 17 anos. Agora juntei as duas coisas — conta.

Emmanuel Marinho, de 35 anos, foi um dos criadores do Pô Etlca. Seguindo carreira solo, o ator acha que seu trabalho representa uma estética contemporânea e valoriza o homem. Em "Margem de papel", ele interpreta os poemas de seu quarto livro, além dos de Manoel de Barros.

— Contraceno com a luz e com as emoções. No poema sobre a infância, interpreto um menino que queria ver o mar. E a poesia saindo das margens do papel para o palco do teatro — diz.

TEATROS

---

CARLOS ALBERTO ★ PRISCILA CAMARGO

*Os Inimigos Não Mandam Flores*

TEATRO DIMENSÃO

De quinta a Domingo

Quinta Matinec às 16h. Tel.: 325-9844

APÓS

**dimensão** EMPREENDIMENTOS MOBILIÁRIOS LTDA.

0522